

O preço sobe e desce com o Sol

Além de iluminar o Mercado da Pedra, na Ceasa, a saída do sol pode determinar ainda os preços dos produtos hortigranjeiros em período de safra, comercializados principalmente nas madrugadas das segundas e quintas-feiras. Uma caixa de 22 quilos de tomates, por exemplo, custava na madrugada da última quinta-feira, no mercado atacadista da Ceasa, Cr\$ 2.500. Com a saída do sol, e conseqüentemente o decréscimo no movimento dos compradores, esta mesma caixa de tomates chegou a ser vendida por até Cr\$ 1.500.

O mesmo não aconteceu, porém, com os produtos em menor oferta, como a batata. O saco contendo 60 quilos do produto apresentava às 7 horas da manhã o mesmo preço da madrugada. Cr\$ 24 mil. Basicamente, contudo, é a lei da oferta e da procura que determina os preços no mercado da Pedra e nos boxes da Ceasa. Lá, durante as primeiras horas da manhã é possível encontrar uma linha completa de hortigranjeiros e frutas de qualidade normal ao tamanho extra, vendidos a pequenos e grandes atacadistas.

Na maioria das vezes, é o pequeno produtor que vende diretamente aos varejistas no Mercado da Pedra, onde pode ser encontrado também a figura do procurador de produtores, mais um intermediário no comércio de hortigranjeiros, antes de chegarem à mesa do consumidor. Nos boxes, a venda é feita quase sempre diretamente para os grandes atacadistas, os supermercados.

Para o diretor-presidente da Ceasa, Fábio Ferreira, a figura do procurador é legal, e, sendo assim, a Ceasa não tem como evitar a sua permanência no mercado. Ele garantiu, no entanto, que os procuradores são poucos em relação ao número de produtores que atuam no local. Para muitos produtores, porém, o procurador prejudica as vendas, independente do fato de sua influência ser

menor que a dos produtores na determinação dos preços, já que é maior o número de produtores no mercado.

Os procuradores, por sua vez, reivindicam o direito de vender na pedra, "pois pagamos o aluguel do espaço que ocupamos e somos procuradores legais de produtores", observou Antônio Roque de Lucena, procurador de três produtores da região do DF. Antonio vendia na madrugada da última quinta-feira, especialmente tomates - um produto de safra - pelo preço de Cr\$ 2.500 a caixa. Disse que paga Cr\$ 21.800 por mês à Ceasa pelo aluguel de um ponto no mercado, e ganha por comissão nas vendas.

Diante da realidade da figura do procurador, os sócios da Cooperativa Agrícola Cotia, que operam um dos boxes da Ceasa, vêm reivindicando há algum tempo o direito de vender também no Mercado da Pedra. Entendem os cooperados que poderiam vender melhor se atuassem também no mercado, e não somente nos boxes, onde as vendas se intensificam quando termina o movimento na Pedra. Lurenço Piccoli, um dos cooperados disse que "a cooperativa é um segmento do produtor, portanto é justa nossa reivindicação".

A vantagem de se vender na Pedra, segundo Piccoli, é que o pagamento é feito quase sempre à vista, o que não acontece com as vendas nos boxes. Enquanto os pequenos varejistas pagam em geral no ato da compra, os supermercados levam até 40 dias para pagar a cooperativa, explica o produtor. Piccoli, além de plantar couve-flor, e milho, planta também batata inglesa, um produto que vem se mantendo com preços altos no mercado há alguns meses.

As chuvas no Sul do País, aliadas ao custo de produção da batata, são os responsáveis por isso, disseram os produtores. Muitos afirmaram que deixaram de plantar a batata há dois

anos devido ao preço das sementes— hoje em torno de Cr\$ 15 mil o saco de 30 quilos. No mercado atacadista o saco de 60 quilos de batatas custava, nesta quinta-feira, Cr\$ 24.000, enquanto o consumidor está pagando mais de Cr\$ 500 pelo quilo do produto.

ADUBOS

Lápis e papel nas mãos, Sebastião Pereira, um pequeno varejista dono de uma frutaria de Taguatinga Sul, comprava tomates, cenoura e frutas para vender em sua loja. Sebastião pechinchou, mas acabou levando uma caixa de tomates pelo preço oferecido pelo procurador Antônio Lucena: Cr\$ 2.500. Na frutaria os tomates seriam vendidos a Cr\$ 130 o quilo. Ao apanhar a caixa do produto, Sebastião Pereira lamentou o preço, e comentou que na semana passada a caixa de tomates custava Cr\$ 2.000. "Havia maior oferta na semana passada", justificou o vendedor.

Em geral os pequenos varejistas deixam claro que estão comprando menor quantidade de batata inglesa, devido à queda da venda do produto. Diante dessa realidade, alguns produtores estão preferindo vender para os feirantes da Ceilândia, que podem comprar mais porque podem vender mais barato.

Para os produtores, além dos preços das sementes, os preços dos adubos (Cr\$ 4.500 o saco), e os juros cobrados pelos bancos nos financiamentos concedidos àqueles que não podem recorrer ao crédito rural, afetam muito a produção. Akio Kishimoto é um dos muitos produtores vítimas do problema por ser invasor e não ter título de propriedade da Chácara Boa Sorte, no Núcleo Bandeirante, onde mora há mais de 10 anos. Kishimoto queixou-se da falta de energia elétrica na chácara: "Gasto Cr\$ 60 mil por semana em óleo diesel para irrigar a horta. Se tivesse energia elétrica, gastaria cerca de Cr\$ 10 mil."



Kimura e seus filhos há treze anos cultivam cenoura, batata e ervilha